



**TEATRO NA PRISÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA AÇÃO
EXTENSIONISTA COM OS JOGOS TEATRAIS NA ESCOLA ESTADUAL
SÃO JOSÉ – MACAPÁ – AP**

Andressa da Silva Santos¹, Marcus Vinicius Sales da Silva¹, Emerson de Paula Silva²,
Frederico de Carvalho Ferreira ².

RESUMO

Este é um breve relato do processo de inclusão do Teatro junto ao sistema penitenciário de Macapá-AP, realizado na Escola presente neste espaço, através do Projeto de Extensão “Teatro e Inclusão: Ressocialização Através da Arte”, o qual desenvolveu aulas de Teatro que visam analisar de forma teórica e prática o Teatro-Educação, como linguagem capaz de contribuir com a promoção da cidadania para pessoas em situação de cárcere e com seu processo de reintegração na comunidade.

Palavras-chave: Extensão. Educação-Penitenciária. Teatro.

ABSTRACT

This is a brief report of the process of inclusion of the Theater with the Macapá-AP penitentiary system held at the School present in this space through the Extension Project "Theater and Inclusion: Re-Socialization Through Art" that developed Theater classes that aim to analyze in a way theoretical and practical the Theater-Education as a language capable of contributing to the promotion of citizenship for people in prison and with their reintegration process in the community.

Keywords: Extension. Penitentiary Education. Theater.

RÉSUMÉ

¹ Licenciandos em Teatro na Universidade Federal do Amapá – UNIFAP. Bolsistas do Projeto de Extensão Teatro e Inclusão: Ressocialização através da Arte – PROCULT.

² Professores Assistentes do Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP. Orientadores do Projeto de Extensão Teatro e Inclusão: Ressocialização através da Arte – PROCULT.

Ceci est un bref rapport sur le processus d'inclusion du théâtre avec le système pénitentiaire Macapá-AP organisé à l'école et présent dans cet espace à travers le projet d'extension «Théâtre et inclusion: la resocialisation à travers l'art» qui a développé des classes de théâtre visant à analyser théorique et pratique, le théâtre-éducation est une langue capable de contribuer à la promotion de la citoyenneté des personnes incarcérées et à leur processus de réinsertion dans la société.

Mots-clés: Extension. Education-pénitencier. Le théâtre.

1 INTRODUÇÃO

A iniciativa extensionista “Teatro e Inclusão: Ressocialização Através da Arte” está vinculada ao Projeto de Pesquisa Políticas Públicas para a Educação Penitenciária no Amapá: por uma implantação de Programa Governamental e ao NECID – Núcleo de Estudos em Espaços Culturais, Inclusivos e Deliberativos através do Plano de Trabalho intitulado Espaços de Criação, ambos os projetos registrados junto ao Departamento de Pesquisa da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), sendo executado desde agosto de 2017 e que integra o PROCULT - Programa de Cultura da UNIFAP, junto ao Colegiado de Teatro vinculado à Pró-Reitoria de Extensão e Ações Comunitárias – PROEAC/UNIFAP.

O objetivo deste relato é registrar e apresentar as experiências que a UNIFAP possui nesta temática, tendo esta ação diálogo com o Plano Pedagógico de Curso do Colegiado de Licenciatura em Teatro, o qual propõe o contato dos licenciandos com outros espaços para além da escola, potencializando a discussão entre Teatro e Comunidade.

Ao gerar uma experiência real com a comunidade local, estimula-se nos discentes envolvidos o caráter extensionista e um impacto direto em sua formação enquanto agentes transformadores da realidade, desenvolvendo o aprendizado não somente acadêmico, mas também como cidadão. Esta ação procura, ainda, abrir uma discussão sobre a Inclusão a partir da Cultura na UNIFAP, apresentando o conceito e busca soluções para tornar a cultura algo acessível, democrático, promotora da inclusão, ampliando o olhar para uma área de conhecimento que tem como premissa discutir as potencialidades humanas em seus vários contextos.

2 A AÇÃO EXTENSIONISTA

A Escola Estadual São José encontra-se dentro do complexo penitenciário amapaense com unidades distintas junto ao instituto prisional masculino e feminino. Lugar de muitas experiências vividas das mais diversas formas, a entrada no ambiente prisional era até então algo desconhecido, algo novo a ser aprendido. O que nos movia a estar lá? O que dois jovens licenciandos, ainda em formação, fariam naquele local? Como trabalhar o Teatro dentro da prisão, de forma que houvesse a cooperação mútua das pessoas envolvidas?

As aulas de Teatro ocorreram de maio a dezembro de 2018. Neste tempo, conseguimos trabalhar o Teatro das formas mais variadas possíveis, entendendo que a Escola dentro do espaço prisional era por si só um espaço potente de criação, fazendo com que o espaço prisional em sua totalidade pudesse ser um espaço de abertura, uma vez que “se o ambiente permitir, pode-se aprender qualquer coisa, e se o indivíduo permitir, o ambiente lhe ensinará tudo o que ele tem para ensinar. “Talento” ou “falta de talento” tem muito pouco a ver com isso” (SPOLIN, 2010, p. 03).

A afirmação de Spolin (2010) remete diretamente à questão que foi trabalhada no ambiente de educação penitenciária da Escola Estadual São José. Eram apenas e apenas, que apesar de terem pouca ou nenhuma experiência com o Teatro, foram capazes de romper limites, ultrapassar barreiras do conhecimento se permitindo aprender algo novo, obtendo resultados positivos que vieram a refletir em outros aspectos de cada aluna/aluno posteriormente.

2.1 ADENTRANDO O ESPAÇO FEMININO: CONEXÕES E EXPERIMENTAÇÕES

As atividades eram sempre realizadas de forma dinâmica, estimulando o corpo e procurando sempre manter a atenção das alunas. Os encontros se iniciavam com conversas acerca do que seria trabalhado, mas também buscamos saber o que cada pessoa queria descobrir com/no Teatro. Questionamos desejos, dúvidas, que fatos tinham marcado sua história, quais objetivos tinham ao participarem das atividades teatrais, procurando sempre focar no presente e futuro, mas nunca no passado, visto que

o foco era o ensino do Teatro e do que elas aprenderiam para além daquele ambiente em que se encontravam.

O corpo foi a peça fundamental. O corpo que age, que fala, que se expressa das formas mais variadas, trazendo à tona a expressão, que surge de forma natural, sem pressões externas ou de movimentos pré-determinados. Essa estimulação se dava a partir dos jogos teatrais, uma vez que:

O jogo é uma forma natural de grupo que propicia o envolvimento e a liberdade pessoal necessários para a experiência. Os jogos desenvolvem as técnicas e habilidades pessoais necessárias para o jogo em si, através do próprio ato de jogar. As habilidades são desenvolvidas no próprio momento em que a pessoa está jogando, divertindo-se ao máximo e recebendo toda a estimulação que o jogo tem para oferecer- é este o exato momento em que ela está verdadeiramente aberta para recebê-las. (SPOLIN, 2010, p. 04).

Na medida em que os jogos iam sendo vivenciados, elas iam aprendendo e percebendo a questão da corporeidade e das ações sociais a que somos submetidos, como: ouvir e falar, aceitar e questionar, transitando entre estes estados. Diversos jogos teatrais foram repassados estimulando memorização, agilidade, sincronia, potencializando a criatividade e autodescoberta de forma libertadora, uma vez que:

O crescimento ocorrerá sem dificuldade no aluno-autor porque o próprio jogo o ajudará. O objetivo no qual o jogador deve constantemente concentrar e para o qual toda ação deve ser dirigida prova espontaneidade. Nessa espontaneidade a liberdade pessoal é liberada, e a pessoa como um todo é física, intelectual e intuitivamente despertada. Isto causa estimulação suficiente para que o aluno transcenda a si mesmo- ele é libertado para penetrar no ambiente, explorar, aventurar e enfrentar sem medo todos os perigos. (SPOLIN, 2010, p. 03)

Desta forma, gradativamente, as alunas foram absorvendo os conceitos do fazer teatral. Foram repassados também vários jogos teatrais em diálogo com cantigas de roda. Percebemos que depois destes tipos de jogos, no findar das aulas quando despedíamos das alunas e nos dirigíamos à saída, ouvíamos ecoar do fundo do corredor vozes cantarolando a cantiga que havia sido repassada alguns minutos atrás. Significativo foi perceber que o canto ecoou de uma forma uníssona, de forma que o simples cantar ecoava para além daquele ambiente prisional. Aquela sensação e conexões estimuladas na aula de Teatro que demonstram a transposição do processo vivenciado para a vida diária.

Essa conexão da música e corpo fluiu normalmente, mesmo sem um aparelho sonoro. Por diversas vezes, trabalhou-se a expressão vocal de cada uma. Eram trabalhados exercícios de voz, de dicção, trabalhavam-se as vogais, o som que elas emitiam, começando do som agudo até o mais grave. Por exemplo, era pedido que elas fechassem os olhos e fossem abrindo a boca aos poucos, elas emitiriam um som, poderia ser uma vogal qualquer, um simples bocejo para relaxar, ou um som que se sentissem à vontade. E quão era inquietante ver a redescoberta de suas falas, do seu próprio respirar, da sua voz interna podendo ser enunciada, interferindo visualmente na reorganização daqueles corpos que já estavam construindo aprisionamentos em si mesmos.

Spolin nos diz que “Todas as pessoas são capazes de atuar no palco. Todas as pessoas são capazes de improvisar. As pessoas que desejarem são capazes de jogar e aprender a ter valor no palco” (SPOLIN, 2010, p. 03). Neste sentido, era perceptível esse desejo das alunas em aprender, em conhecer o Teatro. Nos momentos de debate e reflexão em círculo sempre falavam sobre suas experiências teatrais. Umhas tinham muitas informações sobre Teatro, outras diziam nunca terem ouvido falar de Teatro. Entretanto, isto demonstrava como a visão das mesmas estava sendo ampliada para a metodologia do ensino do Teatro, ao entenderem o processo que antecede o que lhes era mais próximo, ou seja, o resultado.

Quando iniciamos o processo de relaxamento, todas ficavam muito ansiosas no início, mal queriam deitar-se no chão ou ficar de olhos fechados, mas com o tempo foram aprendendo a se concentrar, a respirar, expirar, a ouvir mais, a se ouvir. Através do estímulo com música e frases de reflexão, vivenciaram histórias mesmo que na imaginação, ressignificando aquela experiência. Quando elas abriam os olhos, muitas vezes se surpreendiam por estarem naquele local. Uma sala de aula, em um chão e em um ambiente prisional. Por muitas vezes, no início das aulas percebia-se a falta de força de vontade da parte delas em continuar muitos jogos, em participar e doar-se por inteiro em uma vivência teatral.

Antes de termos dado início a atividades que envolvessem a questão corporal e de contato com a outra, muitas delas mal se comunicavam, se tocavam ou desejavam um simples “boa tarde” à colega ao lado. Por estarem tão acostumadas a terem seu espaço, sua vida e seu pensamento em constante situação de restrição, muitas acabavam

se fechando dentro de seus mundos particulares justamente por não terem essa oportunidade de expressar o que sentiam, falar das pessoas que sentiam falta, da saudade de casa. Com o fazer teatral e a oportunidade da experiência cognitiva proposta pelos jogos teatrais, elas foram adquirindo essa voz que dialogava consigo, com a equipe, com o grupo.

2.2 ADENTRANDO O ESPAÇO MASCULINO: EXPERIMENTAÇÕES E CONEXÕES

O sistema penitenciário tem uma divisão de gênero. No complexo masculino, a princípio, os alunos eram totalmente introspectivos e observadores com tudo. Alguns não se importavam com as aulas, outros ficavam bem mais ligados no assunto que estava sendo dialogado no momento, mas no final sempre um olhar de desconfiança para os monitores. Importante ressaltar que neste espaço se desenvolveu o mesmo projeto de extensão e a mesma sequência de aulas com o objetivo de análise da própria metodologia de trabalho empregada. A relação com os alunos da Escola Estadual São José, presente no complexo penitenciário masculino, sofreu várias intervenções, pois o sistema de administração penitenciária interferia algumas vezes na dinâmica da instituição escolar e conseqüentemente em nosso trabalho, gerando um número menor de aulas aos apenados, e como conseqüência havia um número maior de turmas e participantes no projeto.

O grande número de alunos em sala de aula, frente ao espaço disponibilizado, nos fez aprender a mediar várias situações e uma das encontradas frequentemente era a concentração perdida por conta das conversas paralelas. Durante o processo, percebemos que ainda era vivo o fato de como foram parar naquele local, sendo perceptível principalmente no momento em que tínhamos a oportunidade de abrir para uma conversa. Aos poucos, íamos ouvindo um pouco da história de cada um e como a saudade de casa e da família eram diárias. Sempre deixando clara a importância da vida deles, focávamos a conversa em direcionamentos para o que importava: o agora e o que poderíamos fazer para melhorar este estado pessoal com e a partir do Teatro.

A interação com os jogos teatrais era um pouco lenta inicialmente, pois sabe-se que aqueles corpos precisavam de estímulos para redescobrir seu próprio movimento. No início, os alunos não se empenhavam e outros nem participavam da proposta.

Assim, íamos seguindo com a nossa aula e observando a reação de cada aluno com os jogos.

Grande parte dos jogos teatrais propostos trabalhavam a concentração, equilíbrio, confiança, espontaneidade e segurança. Aos poucos tivemos alguns resultados no decorrer das aulas, os alunos se empenhavam em cada jogo e era possível perceber a concentração que eles traziam para aquele momento. Trabalhar no complexo penitenciário masculino também foi desconstruir com os alunos envolvidos alguns fatores, como: o toque e a relação entre eles, ou seja, a consciência e expressão corporal.

A participação nos jogos teatrais, em específico os ligados ao trabalho sensorial e corporal, era essencial para seguirmos com a conscientização de que o ser humano pode receber e trocar afeto no seu dia a dia, como demonstração de sentimento para além de um objetivo amoroso ou sexual. Aos poucos, pode-se enxergar o resultado das aulas quando todos expuseram o que Teatro mudou/proporcionou/acrescentou na vivência deles dentro daquele espaço.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS: A RESSOCIALIZAÇÃO ATRAVÉS DO TEATRO

Por diversas vezes, pequenas fissuras no decorrer das aulas. O sistema prisional possui regras que devem ser obedecidas como em todo lugar, o espaço possui outras dinâmicas e lógicas, pois o espaço de educação penitenciária está inserido no espaço prisional.

O ambiente prisional nos faz refletir muito acerca da sociedade e seus comportamentos. Um dos grandes exemplos é o machismo visível, não só no complexo penitenciário masculino como também no feminino. Por sermos uma dupla de discentes (uma mulher e um homem), a preocupação sempre foi frequente com a aluna-monitora envolvida e como eram os olhares e perguntas acerca de sua vida e que discretamente a mediação teria que encaminhar para que não fosse para outro lugar, fator este que sempre era mediado/orientado também pelo professor coordenador do projeto de extensão e pela professora de Artes da Escola, participante ativa no processo, pois as oficinas de Teatro aconteciam junto à disciplina Artes.

A importância de estar dentro de um ambiente escolar formal presente dentro de um espaço prisional é desafiador e ao mesmo tempo cheio de trocas. Cada aula possuía algo que nos tirava do conforto e nos colocava a pensar nesse fazer teatral, no qual estamos nos preparando para enfrentar fora da Universidade, mostrando que educação e cultura são direitos de todos. Além de fazer com que as alunas e alunos, presentes no processo aqui relatado, entendessem que a Universidade Pública é um local para todos/todas e que as ações extensionistas atravessam os muros de nossas instituições, dialogando com outros públicos e espaços, estabelecendo a extensão não só como diálogo e integração, mas como possibilidade de pesquisa e construção de saberes, experiências e vivências.

A extensão universitária possui importância no processo formativo profissional dos discentes envolvidos, mas também no processo formativo cidadão destes mesmos discentes, bem como dos atores sociais presentes neste processo.

O Teatro também é um caminho para a ressocialização prisional através de projetos extensionistas junto à educação penitenciária, pois abre novos horizontes para aquelas pessoas vistas em situação periférica e que carecem de oportunidades capazes de ampliarem seus olhares para consigo mesmas. Se na definição grega Teatro “é o lugar de onde se vê”, fazer Teatro é a possibilidade de se ver e se rever em si e no outro/outra, promovendo trocas transformadoras e possíveis de serem transpostas a vida diária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS CITADAS E UTILIZADAS NO PROJETO

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir. Nascimento da Prisão.** Petrópolis: Vozes, 1997.

SPOLIN, Viola. **Improvisação Para o Teatro.** Tradução e revisão Ingrid Dormien Koudela e Eduardo José de Almeida Amos. São Paulo: Perspectiva, 2010.

VASQUEZ, E. L. **Sociedade Cativa. Entre cultura escolar e cultura prisional: uma incursão pela ciência penitenciária.** Rio de Janeiro: CBJE, 2010.